JINGOBEL – CLAUDIO SIMOES

ELISA (do quarto) – Deixe de frescura! Deixei um monte de recado pra Roberval e aquela desgraça não me ligou! Cadê a fralda? Ai, meu Deus! (Sai do quarto com uma fralda geriátrica descartável usada nas mãos.) Se esse telefone não tivesse cortado, eu juro que ligava pra casa dele hoje de noite e dizia um monte de desaforo pra mulher dele! (Entra no banheiro.) Queria ver a cara que ele ia ficar junto dos filhos! (Abre um armário e pega um pacote novo com fraldas geriátricas descartáveis.) Acabar com o natal dele! Se me retar, eu desço e vou naquele orelhão junto do módulo! (Volta pro quarto.) É bom, que se tiver um guarda bonito, eu já fico lá! Noite de natal, o coitado lá, sem a família! É disso que Roberval tá precisando. Que eu bote um par de chifre! Pronto! Tá com fome? Quer o mingau agora? ROSA (do quarto) – Depois. ELISA (do quarto) – Então, vê se dorme! ROSA (do quarto) – Mas eu não tô com sono! ELISA (vai pra sala) – Tá sim! Vai dormir que eu preciso de um pouco de paz! Não quero ficar escutando essa conversa de doido não! Já basta eu ter que passar a noite de natal socada nesse apartamento por causa da senhora. Sem ninguém. (Pega o cd de 97 do Roberto Carlos1 .) Só eu e Roberto. (Bota o disco pra tocar "Abrazame asi" 2 .) Aliás, sacanagem isso da Globo! Passaram o especial de Roberto ontem! E hoje, vão passar aquela bicha do Michael Jackson. Ódio, meu Deus! Mas também, hoje, eles vão perder audiência. Nem a novela das oito eu vou ver. Novela enjoada! Só presta mesmo porque botaram essa música. Mas quase nunca toca! Dá até raiva! (Aumenta o som. Dança sozinha. Pega uma garrafa de vinho. Abre. Serve um copo. Toca o telefone. Vai atender a contragosto.) Alô! … Ah! Até que enfim! Peraí! Deixa eu baixar o som! (Abaixa o som.) É o novo do Roberto! … Comprei! Você não quis me dar! … Não precisa ser grosso! Eu queria te pedir desculpa! … Queria te chamar pra comer um peru aqui em casa. Mandei fazer, que eu sei que você não gosta do meu tempero. … Hoje, né, Roberval?! Natal! … Eu sei. Antes de você ir pra casa! … Não queria ficar a noite de natal sozinha com minha mãe não. … Não, ninguém. … Não! Não é só por causa disso. Eu tô com saudade! Ó! Comprei até um vinhozinho. Do bom. … Não pude ligar! Você trabalhou de noite a semana toda, e eu

só tô 1 O álbum foi intitulado “Canciones que amo”. 2 Canção de Mario Clavell. JINGOBEL / Claudio Simões - 5 podendo ligar do trabalho de dia! Não ia ligar pra sua casa pra arriscar sua mulher atender. … Aqui tá cortado. Só tô recebendo chamada. … Precisei pra outra coisa. Vem! Passa aqui! … Ah, me poupe, Roberval! Cê vai empombar com isso agora? … Eu sei! Mas eu não tô pedindo desculpa? Então? Foi da boca pra fora! Eu não/ … Porque eu achei que você tava me chifrando! … Foi! … Aquela menina mesmo. Eu pensei que fosse outra outra! Perdi a cabeça. … Mas depois, eu pensei melhor, vi que era só invocação minha, a coitada não tinha nada com a história. … Quê? … Mentira, cê tá brincando! … Quer dizer que não foi maluquice minha? Cê tava mesmo com aquela putinha! … Sacanagem, Roberval! Como é que você pode me trair? … Eu sou sua amante! Você não tinha o direito de me trair! … Muito pior! Mulher já casa sabendo que vai levar chifre do marido, mas amante não! … Histérica é a sua mãe! … Não! Não desliga que eu não posso ligar de volta! Eu falo na altura que eu quiser, tô na minha casa! … E como é que você queria que eu ficasse? … Não pedi sua opinião! … Sabe o que eu devia fazer? Contar tudo pra sua mulher! … Quê? … (Vai ficando arrasada.) Não. … Não. … Eu não acredito nisso. … Em três anos de caso, você nunca nem pensou em largar sua mulher por minha causa, Roberval. E agora… Essa menina virou mesmo sua cabeça! … E sua mulher, quer dizer, sua exmulher, como é que ela tá? … Coitada! Você não presta mesmo. Como é que faz isso perto do natal? Como é que as crianças não tão se sentindo com o pai longe? … Como é que eu não tô me sentindo, né, Roberval? … Eu te amo. … Isso não é verdade! Eu te amo! … (Toca a campainha.) Ôxe! Tão tocando aqui! … Não! Não desliga que eu não posso ligar de volta! … Por favor! …

HOJE É DIA DE MARIA – LUIZ ALBERTO DE ABREU E LUIZ FERNANDO CARVALHO

Personagem madrasta

MADRASTA: Ôh Maria, não fique assim não querida... Tome! Pegue! É mel...Coma esse mel Maria pra aliviar o amargo do seu *choro.* Então é isso né, um homem como seu pai, tão jovem, forte, robusto... E não há de ficar sozinho por muito tempo não, viu, querida? Ele há de encontrar alguém para aquietar o facho. E tem você não é Maria?! Tão fraquinha pra tomar conta de um sítio desse tamanho, e sozinha! Pense Maria, pense como seria bom ter mais um par de braços pra te ajudar no serviço da casa... Maria! Por que você não pergunta ao seu pai se ele não quer... Assim... Uma companheira! Para cuidar de você é claro querida. Afinal, alguém que te ofereceu mel não poderia te fazer nenhum mal, não é mesmo?
Ora, ora... Se não é a mãe da preguiça! Olhem só pra isso gente, vê se tem algum cabimento, essa menina ficar aí de pernas para cima! Você parece até que é meio lelé da cabeça Maria. E pare de me olhar com esses olhos grandes e vá já cuidar da roça de milho, que é de muito mais serventia. E trate de colocar pressa no trabalho, porque você ainda tem muito que fazer. Ainda tem que fazer a janta, cuida da plantação, e espantar os passarinhos do mamoeiro, porque Joaninha não gosta de fruta bicada! Mariazinha, vem cá um pouquinho minha filha, olhe, tudo que eu faço é pelo seu bem, pra lhe criar prendada. Sendo assim, você tem de me dar o respeito! Porque agora, eu sou a sua mãe, a verdadeira, a escolhida por Deus!

MÉDEIA - EURÍPEDES

Medeia: De todos os lados à desgraça. Quem contestará? Mas ainda não fica assim, não suponhais. Ainda há lutas para os noivos de há pouco; para os sogros, não pequenos trabalhos. Ou pensais que, se o lisonjeei, não era para ganhar ou tramar alguma coisa? Nem lhe falava nem lhe tocava com as minhas mãos... E ele a tal loucura chegou que, sendo-lhe dado tolher os meus planos, expulsando-me do país, concedeu-me ficar este dia, em que dos meu inimigos farei três cadáveres: o pai e a donzela e o marido - mas o meu. Literalmente: “o facho do deus” - perífrase para designar o Sol, dando maior solenidade ao decreto que Creonte está a proclamar. O Grego exilado, pensava, em primeiro lugar, em recorrer àqueles a quem estava ligado pelo vínculo da hospitalidade. Efetivamente, quem acolhia alguém sob o seu teto, dando-lhe assim proteção tinha direito a esperar retribuição de favores, se um dia as posições se invertessem. Esta norma de etiqueta social, já bem definida nos Poemas Homéricos, informa o ideal aristocrático de felicidade de Sólon: “Feliz o que tem filhos caros, cavalos monodáctilos, cães de caça, e um hóspede em terra alheia”. A salvação de Medeia virá, de fato, da hospitalidade que Egeu lhe prometerá, no terceiro episódio. Alusão a uma atitude de suplicante. Dispondo de muitos caminhos, para lhes dar a morte, não sei, amigas, qual ensaiar primeiro. Se hei de deitar fogo à casa nupcial ou enterrar no coração uma espada afiada, entrando silenciosa no palácio no palácio, onde está armado o leito. Mas uma só coisa me é adversa: se sou apanhada ao entrar em casa e ao preparar o ardil, a minha morte dará motivo ao escárnio dos meus inimigos. O melhor é pela via ais direta, na qual somos mais sábias, suprimi-los com veneno. Seja. Eles estão mortos. E que cidade me receberá? Quem, oferecendo uma terra imune de ofensa e uma casa fidedigna, salvará o meu corpo com a sua hospitalidade? Não há ninguém. Espero então ainda algum tempo, a ver se aparece algum baluarte seguro, e com o dolo e o silêncio executo este crime. E, se uma sorte irreparável me atingir, eu mesma empunharei a espada, ainda quando tenha de morrer, e os matarei, e seguirei os caminhos violentos da ousadia. Porque, pela minha Senhora, a quem presto culto acima de todos, e que escolhi

para me ajudar, por Hécate39, a que habita no recesso do meu lar, nenhum deles torturará incólume o meu coração. Amargos e funestos lhes farei os esponsais, amarga a aliança e a minha fuga destas terras. Coragem, Medeia, não te poupes a nada do que sabes, agora que já deliberaste e arranjaste um expediente. Avança para esse fim terrível; agora é a luta dos ânimos fortes. Tu vês o que sofres. Não deves oferecer motivos de escárnio por causa destas núpcias entre a raça de Sísifo e Jasão, t que descendes de um pai nobre e do Sol. Bem o sabes. Além de que nascemos mulheres, para as ações nobres incapacíssimas, mas de todos os males artífices sapientíssimas.

ORFEU - WILLIAM SHAKESPEARE

Orfeu (sorrindo):
Namorada!
Vai bem depressa. Deus te leve. Aqui
Ficam os meus restos a esperar por ti
Que dás vida!.
Mulher mais adorada!
Agora que não estás, deixa que rompa
O meu peito em soluços! Te enrustiste
Em minha vida; e cada hora que passa
E' mais porque te amar, a hora derrama
O seu óleo de amor, em mim, amada...
E sabes de uma coisa? cada vez
Que o sofrimento vem, essa saudade
De estar perto, se longe, ou estar mais perto
Se perto, - que é que eu sei! essa agonia
De viver fraco, o peito extravasado
O mel correndo; essa incapacidade
De me sentir mais eu, Orfeu; tudo isso
Que é bem capaz de confundir o espírito
De um homem - nada disso tem importância
Quando tu chegas com essa charla antiga
Esse contentamento, essa harmonia
Esse corpo! e me dizes essas coisas
Que me dão essa fôrça, essa coragem
Esse orgulho de rei. Ah, minha Eurídice
Meu verso, meu silêncio, minha música!
Nunca fujas de mim! sem ti sou nada
Sou coisa sem razão, jogada, sou
Pedra rolada. Orfeu menos Eurídice...
Coisa incompreensível! A existência
Sem ti é como olhar para um relógio
Só com o ponteiro dos minutos. Tu
És a hora, és o que dá sentido
E direção ao tempo, minha amiga
Mais querida! Qual mãe, qual pai, qual nada!
A beleza da vida és tu, amada
Milhões amada! Ah! criatura! quem

Poderia pensar que Orfeu: Orfeu
Cujo violão é a vida da cidade
E cuja fala, como o vento à flor
Despetala as mulheres - que êle, Orfeu
Ficasse assim rendido aos teus encantos!
Mulata, pele escura, dente branco
Vai teu caminho que eu vou te seguindo
No pensamento e aqui me deixo rente
Quando voltares, pela lua cheia
Para os braços sem fim do teu amigo!
Vai tua vida, pássaro contente
Vai tua vida que eu estarei contigo!

HOJE É DIA DE MARIA – LUIZ ALBERTO DE ABREU E LUIZ FERNANDO CARVALHO

Personagem: Pai

PAI: (bêbado) Cadê vocês, meus filhos? Voltem já! Voltem pra cuidar do nosso sitiozinho pra que ele volte a ser como era naquele tempo bom, quando a tristeza era coisa rara de se ver e o mal até caminha por permissão de Deus, mas não regia o nosso viver. Voltem meus filhos, pra alegrar meus anos no rumo da velhice. Volta... Volta minha mulher... Minha amada. O que aconteceu com você? Ô Deus, se o Senhor existe de verdade verdadeira, por que é que o Senhor levou ela de nós? O que foi que eu fiz pra merecer esse castigo? Levar a mãezinha de Maria, meu amor... O mundo desandou que até pareceu que saiu dos eixos. Tudo ficou desgovernado, desarvorado como planta sem raiz, casa sem teto e corpo sem alma. Volta minha moça. Volta minha senhora, minha rainha, cadê? Maria! *(gritando)* - Você já arrumou a casa, Maria? Seu pai não tá bem não. Traga uma xícara de café pra mim... Traga o agasalho pra mim, estou com frio, preciso me esquentar. Maria, você é a única coisa que eu tenho. A única flor que restou. Você é um cristal, a inocência num mundo de ruindade. Moça formosa. Menina mulher. Eu sou seu pai e eu sou seu dono. Obedeça ao senhor seu pai. Você tem que me obedecer. Eu sou seu pai.

Hamlet, ato III, cena 1, por William Shakespeare.

Hamlet: Ser ou não ser, essa é que é a questão: será mais nobre suportar na mente as flechadas da trágica fortuna, ou tomar armas contra um mar de escolhos. E, enfrentando-os, vencer? Morrer, dormir, nada mais. E dizer que pelo sono findam-se as dores, como os mil abalos inerentes à carne – é a conclusão que devemos buscar. Morrer – dormir; dormir, talvez sonhar – eis o problema: pois os sonhos que vierem nesse sono de morte, uma vez livres deste involucro mortal, fazem cismar. Esse é o motivo que prolonga a desdita desta vida. Quem suportara os golpes do destino, os erros do opressor, o escarnio alheio, a ingratidão no amor, à lei tardia, o orgulho dos que mandam o desprezo que a paciência atura dos indignos. Quando podia procurar repouso na ponta de um punhal? Quem carregara suando o fardo da pesada vida se o medo do quem vem depois da morte. O país ignorado onde nunca ninguém voltou – não nos turbasse a mente e nos fizesse arcar com o mal que temos em vem de voar para esse, que ignoramos? Assim, nossa consciência se acovarda e o instinto que inspira as decisões desmaia no indeciso pensamento, e as empresas supremas e oportunas desviam-se do fio da corrente. E não é mais ação. Silêncio agora! A bela Ofélia! Ninfa, em tuas preces recorda os meus pecados.